

EM “A ESTÓRIA DE LÉLIO E LINA”, LINA CURA LÉLIO

Clarissa Marchelli (Doutoranda em Teoria e História Literária pela Unicamp)

RESUMO

Ansiando por uma mulher, Lélio aporta ao Pinhém. Nessa fazenda, é com uma senhora, dona Rosalina, que Lélio estabelece uma sincera e profunda amizade. Confessando suas paixões, Lélio recebe de Lina respostas a perguntas ainda não formuladas. Nessa escuta, o vaqueiro errante resgata o antigo desejo por uma moça ainda distante e parte novamente em busca dela, integrando interiormente um ideal a sua própria realidade. Das palavras consoladoras da curandeira em resposta às confidências do boiadeiro, é selada uma amizade legítima entre um moço e uma senhora, uma estória. O que, então, impulsiona Lélio a retomar viagem em busca da Moça Linda do Paracatú - seu ideal romântico - é a presença de um aporte de transformação da expectativa em esperança - Lina. Desse estreito e confidencial relacionamento, brota no jovem a compreensão do movimento cíclico e ascendente do desejo erótico. Encarnando Diotima, a sacerdotisa que elucidava a Sócrates a especificidade constitutiva do sentimento amoroso, a curandeira Lina transmite um saber intuitivo: a insatisfação contínua própria da paixão. Vinculando-se ao diálogo platônico *O Banquete*, Guimarães Rosa atualiza uma narrativa mítica do amor.

Palavras-chave: Guimarães Rosa. Corpo de Baile. Platão. O Banquete.

ABSTRACT

Longing for a woman, Lelio arrives to the Pinhém. It is with a lady, Dona Rosalina, that Lélío establishes a sincere and deep friendship. Confessing his passions, Lélío receives from Lina answers to questions not yet formulated. In this listening, the wandering cowboy rescues the old desire for a still distant girl and leaves again in search of her, integrating interiorly an ideal to its reality. From the consoling words of the healer in response to the cowherd's confidences, a legitimate friendship is sealed between a young man and a lady, a story. What, then, propels Lélío to resume his journey in search of the Beautiful Girl of Paracatu - his romantic ideal - is the presence of a contribution of transformation of expectation into hope - Lina. From this narrow and confidential relationship, the young man's understanding the cyclical and ascendant movement of erotic desire grows. Incarnating Diotima, the priestess who elucidates to Socrates the constitutive specificity of the amorous feeling, the healer Lina transmits an intuitive knowledge: the continuous dissatisfaction proper to the passion. Joining the Platonic dialogue *The Symposium*, Guimarães Rosa actualizes a mythical narrative of love.

Keywords: Guimarães Rosa. Corpo de Baile. Plato. The Symposium.

*Ab, que o mundo todo à sua volta ficou maior. Um mundo novinho em folha.
Tudo mais claro e nítido e colorido.*
(Claudio Fragata, *João, Joãzinho, Joãozito*)

INTRODUÇÃO

Deslocado da terceira para a quinta posição em *Corpo de Baile*, a disposição do conto “A estória de Lélío e Lina”, na segunda edição, exige uma nova hermenêutica para o conjunto rosiano que aborda evolutivamente o tema do amor. Alegando um movimento circular e progressivo em torno do eixo temático amoroso, o quinto conto de *Corpo de Baile* tem como protagonista um vaqueiro que deseja uma mulher. Depois de muito vagar, Lélío aporta ao Pinhém, trazendo consigo apenas a lembrança da filha de um patrão: “Assim mesmo, por causa dela, e do instante de Deus, tinha aventurado o sertão dos Gerais, mais ou menos por causa dela terminava vindo esbarrar no Pinhém, Ela doía um pouco” (ROSA, 2001, 184).

Acompanhado acidentalmente por um cachorro, o Formôs de dona Rosalina, o carente Lélío encontra no animal o elo com aquela que encarna “*Sofia, Sapientia*, última etapa da cultura de *Eros*¹”. A etimologia do nome do cachorro, por sua vez, já indica *morphê* (forma, em grego), estabelecendo intuitivamente o estreito vínculo entre o jovem forasteiro e a senhora residente da fazenda. Sobre a elaboração do tema amoroso em Guimarães Rosa, originária de uma fonte precisa, constata Benedito Nunes (1976, p. 156):

Há, sem dúvida, afinidades entre a ideia do amor que predomina na elaboração literária de Guimarães Rosa e conceito respectivo que se exprime na *Divina Comédia* e no *Banquete*, de Dante, súmulas do ideal cristão, sistematizado pela teologia escolástica já vitoriosa no século XIII. Esse parentesco decorre da fonte comum de origem platônica. Tanto em Guimarães Rosa como em Dante, o amor, o desejo que se faz anelo, possui uma dimensão cósmica universal. Força atrativa, irradia-sedo objeto amado, o qual imanta os seres, seduz as almas e cativa-as em sua substância.

¹ Cf. NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. SP: Perspectiva, 1976, p. 171.

Contudo, mais do que lançar mão de uma filologia para elaboração do nome de seus personagens, Rosa parece aproveitar os resquícios de um platonismo na constituição psicológica do protagonista, como podemos detectar na passagem:

A um modo, quando descobria, de repente, alguma coisa nova importante, às vezes ele prezava, no fundo de sua ideia, que estava só se recordando daquilo, já sabido há muito, muito tempo sem lugar nem data, e mesmo mais completo do que agora estivesse aprendendo. (ROSA, 2001, p. 183)

Precisamente nesse trecho, no emprego do léxico “ideia” associado à noção de recordação, torna irrefutável a aproximação do ficcionista brasileiro com o filósofo grego. Sobre o aproveitamento indireto que Rosa faz de Platão, comenta a pesquisadora Suzi Sperber (2006), em artigo que explicita a teoria do conhecimento platônica, sob um racionalismo radical: “As provas sobre o realismo platônico estão contidas no mito da intuição inicial; em que a ciência se constrói a partir da reminiscência; a purificação é método de conhecimento”.

Embora não seja possível sistematizar uma teoria das ideias propriamente dita no conjunto da obra platônica, a franca permuta entre *ideia*, *morphê*, *eidos* (ideia, forma e imagem, respectivamente) em oposição ao mundo sensível, permite uma conclusão satisfatória para o percurso iniciático de Sócrates ao longo dos diálogos, como explanado pela doxografia:

[...] o que é imutável por si e uniforme em contraposição às coisas múltiplas e mutáveis que apenas têm o mesmo nome daquilo que é imutável (*Féd.* 78c-e, 79a), o que é invisível e apenas inteligível em contraposição às coisas em constante transformação (assim Timeu no diálogo homônimo: 27d-28a), e por fim diretamente as idéias condicionantes (*eidê*) enquanto separadas (*chôris*) daquilo em que elas se manifestam individualmente (*Parm.* 130b), e assim por diante².

Em contrapartida, ao longo do conto rosiano, ficamos sabendo dos inúmeros relacionamentos afetivos travados por Lélío durante sua estadia no Pinhém. A cada nova expectativa, uma frustração seguida. Para todas as desilusões, um único remédio: a eficácia

² Cf. *Léxico de Platão*. Christina Schäfer (Org.); Trad. Milton Camargo Mota. SP: Loyola, 2012, p. 152.

das palavras consoladoras da experiente dona Rosalina. Ao final da temporada no Pinhém, após todas as tentativas fracassadas, o vaqueiro forasteiro decide retomar a ventura sertão adentro, menos errático, porém, de que quando chegou, como descreve o narrador (ROSA, 2001, p. 303): “Mas, depois, mais tarde as verdades vinham retornar, o dele, somente soante”.

LINA CURA LÉLIO

Tratando do anseio afetivo de Lélio, que parte de um ideal feminino para a beleza real das mulheres que conhece, Rosa trava uma conversa com o Sócrates, do diálogo platônico, *O banquete*. Enquanto busca de uma necessidade, o amor parece ser para ambos uma carência. Sobre o amor de que fala Sócrates, comente o filósofo contemporâneo, André Comte-Sponville (2014, p. 252):

[...] amor é amor a alguma coisa, que ele deseja e lhe faz falta. Ora, há coisa menos divina do que carecer exatamente do que nos faz ser ou viver? Aristófanés não entendeu nada. O amor não é completude, mas incompletude. Não fusão, mas busca. Não perfeição plena, mas pobreza devoradora.

Porque consternado, o desejo do herói rosiano em encontrar um grande amor se converte na capacidade de escuta. Ao procurar aplacar sua prostração com a velha curandeira, o jovem vaqueiro vai, gradativamente, compreendendo a natureza desse desejo, seu funcionamento. Assim, se Lélio é sonhador e sedutor, Lina é seu antídoto. Se o cachorro de Lina é Formôs, Lina, por analogia, é Diotima, a sacerdotisa com quem Sócrates aprendera sobre as artes do amor. Em “A estória de Lélio e Lina”, então, Rosa elabora em termos ficcionais a busca da satisfação do desejo erótico, como formulado por Sócrates, em *O banquete* (211c) após uma longa série de refutações com seus interlocutores:

Eis aí a abordagem correta ou encaminhamento rumo à arte erótica. Realiza-se sempre uma marcha ascendente em prol desse belo superior, partindo de coisas belas evidentes e empregando estas como os degraus de uma escada; de um a dois, e de dois à totalidade dos corpos belos; do belo pessoal progride-se ao belo costume, e dos costumes ao belo

aprendizado, e dos aprendizados finalmente ao estudo particular, que diz respeito exclusivamente ao belo ele mesmo; assim, no final, vem a conhecer precisamente o que é o belo.

Com o resgate etimológico sugerido pelo nome do cachorro de dona Rosalina, não estamos querendo provar a eminência de uma corrente platonista em Guimarães Rosa; pretendemos tão somente compreender de que modo as partes do conto, isto é, seus dados, estão articulados em função uma narrativa idealista e peripatética ao mesmo tempo. Como refuta Sperber (2006), “Podemos afirmar que, contudo, não só de Platão é feito o universo de sugestões filosóficas aproveitadas por Guimarães Rosa”.

Se por um lado o cachorro Formôs ancora a narrativa na tradição do pensamento filosófico, por outro, sua dona, Rosalina, recupera, morfologicamente, a ambiguidade da imagem feminina da narrativa mítica, como argumenta Ronalds de Melo e Souza (2006):

A estrutura ritualística da estória de Lélío e Lina se traduz na iniciação de Lélío nos mistérios do amor que lhe são revelados por Rosalina, a mulher revestida do duplo desempenho mítico da mãe Deméter e da filha Perséfone. A velha Rosalina e a jovem Lina não se contradizem, porque simbolizam o eterno feminino.

De fato, a ambivalência de Rosalina, dançando como uma moça, mesmo sendo uma senhora, promove a alegria da vida³, reabilitando o culto de Deméter e Perséfone, comumente referidas como “As duas deusas”. O mito do regresso da filha, a partir do submundo dos mortos para os braços da mãe na superfície terrestre “is a double existence between the upper world and the underworld: a dimension of death is introduced into life, and a dimension of life is introduced into death”, como nos conta o helenista Walter Burkert (1985, p. 161).

Ícone de um ritual iniciático, o culto das duas deusas encarnadas nos Mistérios de Elêusis aborda a pertinência da morte na vida. No conto rosiano, as palavras que dona Rosalina tem a oferecer, quando do baile (“-‘Meu mocinho... – ela disse - ...antes eu não encontrei você, não podia, meu filho, porque a gente não estava pronta de preparada...’”)

³ Cf. ROSA, *op. cit.*, p. 259: “-‘Festa, meu Mocinho, é o contrário de saudade...’ – dona Rosalina falou. – ‘Para se aguentar a vida no atual, a gente carece das duas... Mas agora estamos precisando mesmo é de festa: que é um arremedo de antecipo...’ E ela não temperava sua influência, refletindo que tudo ia ser raro de bom.

funcionam como antídoto para uma carência insaciável, assumindo “a função hierática da conversão existencial do vaqueiro Lélío⁴”. Contudo, sua eficácia farmacológica age a contagotas, isto é, em doses mínimas de consolo para suas frustrações, transmutando homeopaticamente as expectativas de Lélío.

Embora estarmos de acordo com Ronaldes de Melo e Souza, para quem a função de Rosalina, a senhora com aparência de moça, é a de iniciar Lélío nos mistérios da arte erótica, curando seu idealismo desmedido, e para quem “[...] a saga rosiana singulariza-se pela invenção do mito no sertão.⁵”, não podemos nos furtar à contabilidade dos casos afetivos do nosso herói que, almejando suprir uma falta, salta de um caso para caso, em desacordo consigo mesmo. Como conclui Sperber, “Portanto, a tentativa de aplicação da filosofia platônica – ou plotínica, ou quaisquer outras – à obra de Guimarães Rosa leva a equívoco. As aproximações provêm de estímulos pontuais⁶”.

Tendo apurado tais aproximações, é que podemos partir para a análise dos casos eróticos do protagonista do conto rosiano, “A estória de Lélío e Lina”. Quando carnis; inviáveis. Quando idealizados; irrealizáveis, os casos amorosos de Lélío, suas projeções afetivas, quer partam da ordem concreta, quer da ordem abstrata, tudo o que fazem é povoar o anseio de Lélío. Quem melhor sintetiza a promessa de amor no jovem debutante é a experiente dona Rosalina (ROSA, 2001, p. 276):

Às vezes, eu acho que você gosta é mesmo daquela moça de Paracatú, a filha de um senhor Gabino... Só porque ela está tão fora de alcances, tão impossível, que você tem licença de pensar nela sem a necessidade de pensar logo também no que você é e não é, no que você queria ser...

O querer ser de Lélío, isto é, o vir a ser do vaqueiro, expresso pelos seus sucessivos relacionamentos afetivos desastrosos, constitui o cerne de uma necessidade, a saber, alcançar, na interioridade de si, uma integridade. Desejoso de um amor e exigente consigo mesmo, Lélío, ao se deparar com a Moça Linda do Paracatú, “Tinha vexame de tudo o que era e do que não era” (ROSA, 2001, 185). Sobre esse anseio de integridade, explica a

⁴ Cf. MELO e SOUZA, R. *op. cit.*

⁵ Cf. MELO e SOUZA, R. *op. cit.*

⁶ Cf. SPERBER, S. F. *op. cit.*

pesquisadora Ana Helena Krause Armange (2007, p. 90), a partir dos arquétipos elencados por Jung:

Por fim, o *Self* é o arquétipo da integração psíquica, fator orientador interno, expressão da individualidade. Atingi-lo pressupõe a integração das partes conscientes e inconscientes da personalidade. Tal componente se manifesta como arquétipo, porque a busca de um equilíbrio adequado seria uma “disposição humana a *priori*”, um “desejo primordial e coletivo” (PALMER, 2001).

Para situarmos expectativas e frustrações amorosas, enquanto expressividade de um anseio de integridade rotineiramente confortado por Lina, leremos a contrapelo a história de Lélío, que sonha com uma mulher específica, mas se relaciona com qualquer uma. Novamente, o crítico literário, Benedito Nunes, resume o papel apaziguador de Lina na vida conflituosa de Lélío:

Na verdade, Dona Rosalina dá ao seu Mocinho uma forma de amor mais completa, mais ampla, que sumariza os seus passados amores, e que tem o poder de sublimar o impulso amoroso do vaqueiro, disperso em paixões várias, a ela confienciadas (NUNES, 1976, p. 169).

Na fazenda de seu Senclér, Lélío irá se relacionar com Conceição e Tomázia (prostitutas), Jiní (esposa de um dos vaqueiros), Carunha (mãe solteira e surda) e com Manuela e Mariinha (filhas de outros vaqueiros), em grau progressivo de carnalidade e abstração: quanto mais ideal, tanto menos efetivo. Após um tempo decorrido, com nenhuma delas, entretanto, o vaqueiro conseguiu se estabelecer e fixar morada no Pinhém.

Tendo ouvido, por fim, notícias da Moça Linda pelos Gerais, Lélío reanima o desejo de, um dia, reencontrá-la (ROSA, 2001, p. 304): “Tudo era ao contrário: agora, sim, sentia a Sinhá-Linda mais sua. Se ela se fora, por aí, por essas lonjuras do mundo, então estava tão perto dele, de um modo que não doía. Agora, que a perdera ganha. Agora, que não sabia nada.” Sobre a partida de Lélío do Pinhém motivada, em última instância, por uma busca, a da Moça Linda do Paracatú, relata o narrador (Id., p. 305): “Aí, a boa lembrança de Sinhá-Linda pertencia a ele, a todo momento, livre de todo ascoroso, tão linda e não era malaventurada, ela estava em toda parte”.

O ponto, então, com o qual nos inquietamos, enquanto percorremos a trajetória desse boiadeiro, formula a seguinte questão: se o desejo de Lélío pela Moça Linda do Paracatú é puramente platônico, não podendo jamais se concretizar, o que motiva o rapaz a abandonar a fazenda no Pinhém, continuando sua travessia, acompanhado agora da própria velhinha, dona Rosalina? Em outras palavras, com o que exatamente no Pinhém, ou na vida no Pinhém, Lélío não se conforma a ponto de continuar estrada a fora? Um esboço de resposta começa a ser traçado pela pesquisadora Ana Helena Krause Armange:

A fábula se encerra depois que várias personagens deixam o Pinhém, inclusive os donos da fazenda, que precisam entregá-la para saldar dívidas. Nada mais prende Lélío ao lugar, mas ele reluta em ir embora por causa de dona Rosalina, que, por fim, acompanha-o na direção de um lugar chamado Peixe Manso. A verossimilhança da mimese interna, nessa narrativa, se deve à representação convincente da interioridade da personagem focalizada pelo narrador, obtida mediante a adequada manipulação do foco narrativo e a presença de padrões arquetípicos (ARMANGE, 2007, p. 86).

Segundo Armange, a construção psíquica de Lélío, isto é, suas fugas e decisões, corresponderiam a arquétipos elaborados pela psicanálise, com destaque para a *Sombra*, “[...] nível em que o indivíduo não tem o controle sobre suas emoções, tornando-se vítima dos próprios afetos e perdendo a capacidade de julgamento”⁷.

Associando intimamente a sombra de Lélío com a sua atração por Jiní, “[...] que era fruta de beira de estrada, pendurada em pontinha de galho” (ROSA, 2001, p. 252), Armange imputa à esposa adúltera, ou a sua incontornável sedução, a resolução de Lélío em partir do Pinhém. Tendo Jiní traído a confiança não apenas do marido, como também do próprio Lélío, que chegara a supor um relacionamento com Jiní, dona Rosalina explica ao jovem boiadeiro (ROSA, 2001, 295): -“Pois, meu Mocinho, você espalha pétala de flor de cova, em cima de criatura viva?”

Sob a advertência de Lina, Lélío se dá conta do próprio equívoco, como comenta o narrador, no emprego do discurso indireto livre (Id., ib.): “[...] mas, se nele mesmo o engano era o corpo, e repente do corpo, que dirá da Jiní; quem culpa tinha? Estava certo? Estava errado?” Contudo, Lélío somente chega ao veredicto da partida do Pinhém quando a

⁷ Cf. ARMANGE, *op. cit.*, p. 87.

aposta no casamento com Mariinha é recusada. Mariinha, “a pessoa de mais opinião e firmeza” (Id., p. 245), rejeitando o amor do empregado com a desculpa do seu amor pelo patrão - desejo tão ou mais irrealizável que a adoração de Lélío pela Moça Linda do Paracatú -, revela ao jovem sua errância: “Saber que a Mariinha gostava de outro, era saber que ele Lélío andara em si errado, naquilo, contra o destino, e pela raiz tudo se desfazia” (Id., p. 302). Sobre o desfecho fatal do provável romance com Mariinha, esclarece Lina ao vaqueiro: “-Meu Mocinho, com a Manuel ou com a Chica, você poderia ter sido feliz. Mas, com a Mariinha, não. Não dava certo. Porque, nas maiores artes, ele é muito parecida com você...” (Id., p. 246).

Se com as prostitutas eufemisticamente chamadas de “Tias”, Lélío pode se relacionar fisicamente despido de qualquer anseio, com Jiní, sob o patrocínio do relacionamento puramente carnal, e com Mariinha, sob o mais alto idealismo, Lélío tem suas expectativas frustradas, confundindo a instância abstrata com a material, sem, no entanto, integrá-las.

Novamente, a cura para tamanha fratura vem de Lina, a quem “[...] era preciso escutar direto quando ela falasse, era preciso gostar da Velhinha. Dizia aquilo, o siso da gente achava que ela estivesse ensinando outro poder inteiro de se viver” (Id., p. 247). Como esclarece Benedito Nunes, Lina “[...] é a vitalidade do amor consumada em sabedoria, a experiência erótica transformada em experiência contemplativa⁸”.

Não obstante, Lélío vislumbra a possibilidade matrimonial com Manuela, como nos informa o narrador: “Aí tinha pressa de ouvir que ela gostasse dele, dele!; mas ele mesmo não tinha certeza de lhe ter amor que desse para casar” (ROSA, 2001, p. 268). Manuela, por sua vez, “também tinha gênio meio forte” (Id., p. 203), não correspondendo exatamente à necessidade afetiva do forasteiro. Sob pressão, Manuela confessa o sentimento que nutre veladamente por Canuto, vaqueiro e colega de Lélío. Canuto, no entanto, denunciara o comportamento sexual lascivo de Manuela ao novo namorado, Lélío. No impasse do triângulo amoroso, é Lina, mais uma vez, quem destensiona a errônea geometria. Recorrendo à mensagem cristã do perdão encarnado na figura de Maria Madalena, Lina apazigua a raiva que Lélío sente tanto por Manuela, que não lhe fora fiel na afeição, quanto por Canuto, que delatara a libertinagem da moça:

⁸ Cf. NUNES, B. *op. cit.*, p. 170.

- “Atrasmente, meu Mocinho: ao que Nosso Senhor, enquanto esteve cá em baixo, fez uma Santa. Vigia que essa não foi uma pura-*virgens*, moça de família, nem uma *marteira* senhora de casa, *farta-virtude*. Ah, ai, aí não: a que soube se fazer, a que Ele reconheceu, foi uma que tinha sido dos bons gostos – Maria Madalena...” (ROSA, 2001, p. 275).

Curioso é notar a apropriação que Rosa faz da personagem bíblica, Maria Madalena. Lançando mão da conversão daquela que primeiro sofre exorcismo para depois anunciar aos apóstolos a ressurreição de Cristo⁹, Rosa enriquece os argumentos iniciáticos de Rosalina, fortalecendo a conversão da frustração de Lélío em *relișiência*. Em outras palavras, a própria trajetória dupla de Maria Madalena potencializa o testemunho que Lina tem a oferecer a Lélío. Sobre o emprego de parábolas em narrativas enquanto recurso de revelação, explica o teólogo José Adriano Filho:

Com a nova hermenêutica, a questão da interpretação não é, portanto, se as parábolas estão abertas a uma multiplicidade de significados, se elas contêm ou não um ensinamento central ou se é possível encontrar sua mensagem original, mas o fato de que elas são objetos estéticos que possuem uma dimensão existencial e teológica, sendo sua marca característica a forma como desafiam ou invertem as expectativas de seus leitores¹⁰.

A procura de Lélío pelos remédios da alma de Rosalina disponibiliza ao inexperiente amante um contraponto aos irremediáveis fatos que lhe assolam. Como comenta Ronaldes de Melo e Souza, “Os problemas amorosos de Lélío funcionam como contraponto dramático do magistério erótico de Rosalina¹¹”. Assim, o amor secreto de Manuela por Canuto, e de Canuto por Manuela, não é senão a expressão velada da raiva que Lélío sente de si. Do efêmero envolvimento com Manuela, descobrimos, na verdade, a belicosidade de Lélío: “Por um momento, o que suscitava pior – a tristeza balançada na raiva – se pousava. Mas a raiva latejava forte, raiva do Canuto, capaz de amargos. A que um não quer – e, aí mesmo, assassina” (ROSA, 2001, p. 273).

⁹ Cf. Lc 8, 2 e Lc 24, 10.

¹⁰ Cf. ADRIANO FILHO, José. **Mudança de paradigma e interpretação das parábolas evangélicas**. IN: ESTUDOS DE RELIGIÃO, v. 2, n° 42. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/3091>

¹¹ Cf. MELO e SOUZA, R. *op. cit.*

Traçando um paralelo entre a belicosidade de Marte, o deus da guerra, e a ira de Lélío diante das batalhas afetivas perdidas, a pesquisadora Heloisa Vilhena de Araújo argumenta o magistério erótico de Lina na vida desse jovem guerreiro:

Dona Rosalina tem em seu nome a flor de Vênus, a rosa. É uma Vênus temperada por Marte, já sem os ardores do corpo, alma só, é o *amor* transfigurado em *amizade*, em relação harmônica. Em dona Rosalina, Lina, a violência e a tristeza de Marte transformam-se em *fortaleza e consolação*: de vícios passam a ser virtudes. Os ardores do corpo e a violência são mantidos sob outra forma, sob forma espiritualizada. São amadurecidos em amizade e fortaleza: tornam-se sentimentos de uma pessoa adulta, madura (ARAÚJO, 1992, p. 64).

Outro dado que corrobora a tese de Heloísa Vilhena de Araújo, segundo a qual Lélío encarnaria a belicosidade de Marte, é a correspondência trocada entre Guimarães Rosa e seu tradutor italiano, Edoardo Bizzarri. Em livro editado, a correspondência traz sugestões de leituras do próprio autor ao italiano, de modo a ajudar o trabalho do tradutor. Segue a passagem em que Rosa aproxima o explosivo Miguilim, de “Campo Geral”, do raivoso Lélío, mediado por Lina e todos os demais contadores de histórias recorrentes no conjunto *Corpo de Baile* (BIZZARRI, 1980, p. 58):

Os contos folclóricos como encerrando verdades sob forma de parábolas ou símbolos, e realmente contendo uma “revelação”. O papel, quase sacerdotal, dos contadores de estórias. (Miguilim já era um deles... Dona Rosalina, também. Dona Rosalina, de certo modo, incorpora em si, ao mesmo tempo, os lados positivos de Miguilim e do Dito. Lélío é Miguilim – mas apenas sua parte sofredora e angustiada, aspirando ao equilíbrio superior; falta-lhe a parte criadora de Miguilim. Tudo isto, mais ou menos...).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A profícua intimidade do jovem Lélío com a experiente dona Rosalina aplaca a periculosidade do vaqueiro, transmutando o frustrado desejo de fusão erótica em integridade, um anseio de si. Das palavras consoladoras da curandeira em resposta às confidências do boiadeiro, nasce uma amizade legítima entre um moço e uma senhora, uma estória. O que, então, ainda impulsionaria Lélío a retomar viagem em busca da Moça

Linda do Paracatú - seu ideal romântico - não é senão a presença do próprio aporte de transformação da expectativa em esperança, Lina. Alívio maior que a compreensão de dona Rosalina não há, quando recomenda ao incipiente Lélío (ROSA, 2001, p. 302): “-Bem viu, quem sabe? Você mesmo não entende que – amar por amar – talvez seja melhor amar mais alto?”

Embora não estar plenamente ciente da necessidade da presença e da constância de dona Rosalina em sua vida, Lélío somente e tão somente consegue partir da fazenda de seo Senclér sob a companhia da velha curandeira, como nos segreda o narrador (Id., p. 309):

O que era, o que vinha a ser essa decisão, assim achada, entre eles dois, o que tudo tinham conversado, nas vésperas:
- “Se não fosse por ter de deixar a senhora, eu ia...” – o que Lélío falara.
- Mas eu também sinto, Meu-Mocinho... pudesse eu ir junto... Para o Peixe-Manso, conheço o dono de lá, homem bom...

O que, então, parece se dar entre o vaqueiro debutante e a experiente dona Rosalina não é mais um relacionamento idealizado, como sugere Ronalds de Melo e Souza: “A união amorosa de Lélío e Lina, que se representa como casamento sagrado no final feliz da estória, constitui um hino de louvor ao divino zoogônico, que preside à origem primeira e ao fim último de tudo que existe [...].¹²” Como comenta Armange sobre os contos de *Corpo de Baile*, de um modo geral: “Em todos os textos citados, a viagem ou deslocamento espacial representa transformações internas, relacionadas à busca do *Self*, por parte das personagens¹³”. Na condição de instrutora é que Lina se faz imprescindível à viagem tanto externa quanto interna de Lélío. E mesmo que tenham decidido juntos partir do Pinhém e ganhar sertão a fora, Lélío, numa perpétua procura de si, convida Lina a lhe acompanhar devido à necessidade que ainda tem da mestra.

Antes de formarem um par erótico propriamente dito, Lélío e Lina corporificam um sentimento de confiança mútua, a amizade, baseada, sobretudo, na intimidade. Sobre a amizade, considerada hoje um afeto tanto por um senso comum quanto pelas vozes mais críticas, descreve Aristóteles, em *Ética a Nicômaco* (1157b):

¹² Cf. MELO e SOUZA, R. *op. cit.*

¹³ Cf. ARMANGE, *op. cit.*, p. 98.

Ora, dir-se-ia que o amor é um sentimento e a amizade é uma disposição de caráter, porque se pode sentir amor mesmo pelas coisas inanimadas, mas o amor mútuo envolve escolha, e a escolha procede de uma disposição de caráter. [...] E finalmente, os que amam um amigo amam o que é bom para eles mesmos; porque o homem bom, ao tornar-se amigo, passa a ser um bem para o seu amigo. Cada qual, portanto, ao mesmo tempo que ama o que é bom para ele, retribui com benevolência e apazibilidade em igualdade de termos; porque se diz que amizade é igualdade, e ambas são encontradas mais comumente na amizade dos bons.

Evitando, por prudência, enveredar por uma discussão filosófica mais autêntica, que pondera o excerto acima no conjunto da obra do estagirista, depreendemos da análise do filósofo a apuração da noção de amor aplicada ao mutualismo inerente a uma relação amical. Em outras palavras, a cumplicidade que sela uma amizade, tal como observamos na relação de Lélío com Lina, pressupõe, para Aristóteles, não apenas um afeto mobilizador, mas uma disposição tal que promove as partes envolvidas no estatuto da benevolência. Por disposição de caráter e, finalmente, por uma exigência de bondade não apenas para com o outro, como também para si, Lélío se aproxima de Lina e passa a contar com ela e para ela suas desventuras, seus desencontros eróticos. E essa aproximação também lhes é prazerosa. Detendo-nos um pouco mais na esteira da contemplação filosófica, o pensador contemporâneo André Comte-Sponville, convocado anteriormente, analisa também o aspecto amoroso presente na noção grega *filia*, comumente traduzido pelo termo “amizade”:

Amar é regozijar-se ou, mais exatamente (pois o amor supõe a ideia de uma causa), regozijar-se com. Regozijar-se ou gozar, dizia eu; mas o prazer só é um amor, no sentido mais forte do termo, se regozija a alma, o que acontece especialmente nas relações interpessoais. A carne é triste quando não há amor ou quando só se ama a carne. [...] Regozijar-se, ao contrário, é não pedir absolutamente nada: é celebrar uma presença, uma existência, uma graça! Que leveza, para você e para o outro! Que liberdade! Que felicidade! Não é pedir, é agradecer. Não é possuir, é gozar e se regozijar. Não é falta, é gratidão. [...] Digamos que é o amor-alegria, na medida em que é recíproco ou pode sê-lo: é a alegria de amar e ser amado, é a benevolência mútua ou capaz de se tornar mútua, é a vida partilhada, a escolha assumida, o prazer e a confiança recíprocos, em suma, é o amor-ação, que se opõe por isso a *erôs* (o amor-paixão), mesmo

que nada proíba que possam convergir ou ir de par (SPONVILLE, 2014, p. 273).

Sob o patrocínio da recíproca confiança e da mútua alegria é que Lélío pode convidar sua senhora a lhe acompanhar estrada a fora, no anseio do reencontro com a Moça Linda do Paracatú. A resposta de Lina ao convite, afirmativa, viola radicalmente uma etiqueta de comportamento, que predica à mulher o espaço doméstico, exclusivamente. A respeito da preponderância da presença feminina na vida dos heróis rosianos, analisa a pesquisadora Cleusa Rios P. Passos (2009, p. 182): “[...] por vezes, instauram-se mudanças que podem ser flagradas em certas vozes femininas, responsáveis por inesperados desdobramentos narrativos”. Sobre a preponderância de Lina na história de Lélío, mais especificamente, comenta Passos (Id., p. 184): “[...] ela atua contrariamente às normas e parte com o jovem Lélío em nome da renovação, da aventura e do desejo, para recriar o viver”.

Por fim, o quinto conto do conjunto *Corpo de Baile*, ao narrar a história do encontro fortuito de um vaqueiro desejoso de amor com uma curandeira versada na arte erótica, descreve o passo a passo da estreita afeição entre um jovem e uma senhora em função de um aprendizado. Tratando o amor erótico como o mais profundo anseio de uma integridade, Rosa estabelece como pontode partidada narrativa peripatética o relacionamento interpessoal, a amizade, em prol da travessia interior. Como conclui Nunes (1976, p. 171), “Em Rosalina, rosa mística, floração tardia de *eros* – o sexo se cristaliza, e a seiva do *élan* amoroso se convertera em anelo da divindade”.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Heloisa Vilhena de. **A raiz da alma**. SP: EDUSP, 1992.

ARMANGE, Ana Helena Krause. “Representações arquetípicas em ‘A estória de Lélío e Lina’”. In: **Corpo de Baile: romance, viagem e erotismo no sertão**. Regina Zilberman (Org.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, pp. 85-100.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Leonel Vallandro de Gerd Bornheim. In: PENSADORES. SP: Abril Cultural, 1973.

BÍBLIA SAGRADA. SP: Paulinas, 2005. 1472p.

BIZZARRI, Edoardo. **J. Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano**. 2ª ed. SP: T. A. Queiroz, 1980.

BURKERT, Walter. **Greek Religion**. Translated by John Raffan. Cambridge: Harverd University Press, 1985.

COMPTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. Trad. Eduardo Brandão. SP: Martins Fontes, 2014.

LÉXICO DE PLATÃO. Christian Schäfer (Org.). Trad. Milton Camargo Mota. SP: Loyola, 2012.

MELO e SOUZA, Ronalds de. O magistério erótico de “A estória de Lélío e Lina”. In: **REVISTA CONFRARIA**, nº9/2006. Disponível em: http://confrariadovento.com/revista/numero_9/ensaio02.htm.

NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. SP: Perspectiva, 1976.

PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. “Vozes femininas na obra de G. Rosa”. In: **Espaços e caminhos de Guimarães Rosa: dimensões regionais e universalidade**. Ligia Chiappini e Marcel Vejmelka (Org.) RJ: Nova Fronteira, 2009, pp. 182-189.

PLATÃO. “O banquete”. In: **Diálogos V**. Trad. Edson Bini. SP: EDIPRO, 2010.

ROSA, João Guimarães. **No Urubuquaquá, no Pinhém**. 9ª ed. RJ: Nova Fronteira, 2001.

SPERBER, Suzi Frankl. As palavras de chumbo e as palavras aladas. In: **FLOEMA**. Ano II, n. 3, 2006, p. 137-157. Disponível em: <http://www.periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/viewFile/92/100>

Submetido à publicação em 28 de julho de 2018

Aprovado em 20 de setembro de 2018